TEMPO LIVRE E DESCANSO: O LAZER DOS JOVENS CONTEMPORÂNEOS

Ivanês Zappaz

Resumo

No presente estudo, recorte de uma investigação maior, busco analisar algumas das práticas de lazer constituídas jovens trabalhadores, estudantes de uma escola de Ensino Médio Noturno, de uma escola pública da cidade de Garibaldi (RS). Para tanto, valho-me do aporte dos Estudos Culturais em Educação, em uma abordagem pós-estruturalista e de referências do campo dos Estudos de Lazer. Os dados empíricos foram constituídos frente às observações dos jovens no espaço escolar, à análise de questionário respondido pelos participantes, à organização de grupos de discussão e ainda, ao estudo das narrativas dos mesmos acerca de dimensões de sua condição juvenil. Dentre outros achados, percebe-se que as práticas de lazer vivenciadas por tais jovens se diferem daquelas fomentadas pelas políticas públicas ou associações desportivas, a exemplo das atividades ao ar livre e/ou competitivas, uma vez que eles afirmam "não ter" tempo para a realização das mesmas. Em consonância com as perspectivas teóricas apresentadas, compreendo que essa pesquisa, mais do que tratar sobre o lazer dos jovens contemporâneos, constitua uma possibilidade para que professores e pesquisadores analisem modos diversificados de ser jovem na contemporaneidade.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Lazer; Juventude; Trabalho

Palavras iniciais

Para Nelson Carvalho Marcellino (1995, p.31) o lazer, sob a perspectiva social, pode ser entendido como:

> [...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. O importante como traço definidor é o caráter desinteressado dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação.

É possível pensar que as possibilidades de uso do tempo sempre foram tema de debates e controvérsias ao longo da história, em diversas sociedades: tempo livre, tempo para o trabalho, para o estudo, para o descanso, para o lazer. Ao analisar a rotina de trabalhadores na atualidade, vê-se que muitos dos mesmos preocupam-se, cada vez menos, em vivenciar momentos de fruição do tempo livre com atividades relacionadas à arte, ao esporte, às festas, ao divertimento. Os momentos de diversão, entretenimento em família ou com amigos, são mais escassos entre estudantes que trabalham quando comparados, por exemplo, às práticas de alunos que têm como compromisso apenas as demandas escolares. Vale destacar que Luiz Octávio de Lima Camargo (1989, p.33) define tempo livre como o tempo que acaba sobrando

das obrigações de cunho profissional, escolar e familiar, no qual se vive o estudo voluntário, as questões religiosas, políticas e o lazer.

Neste trabalho, recorte de uma investigação maior, tenho como objetivo analisar e problematizar algumas das práticas de lazer constituídas por um grupo de jovens alunos trabalhadores, estudantes do Ensino Médio noturno, de uma escola pública da cidade de Garibaldi (RS). Para tanto, valho-me da perspectiva dos Estudos Culturais, em uma abordagem pós-estruturalista, e, desta forma, compreendo a juventude como uma categoria plural, para além das questões etárias e biológicas. Busco aporte, também, nos Estudos sobre Lazer, compreendendo tal dimensão como um conjunto de "práticas culturais, em seu sentido mais amplo, englobando também os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações" (MELO E JUNIOR, 2012, p.34). Tais autores, em seus estudos sobre o tema, consideram como lazer as vivências no tempo livre, bem como o prazer que as mesmas podem possibilitar para quem as realiza.

Em referência ao processo metodológico, destaco que o presente estudo foi realizado com trinta e cinco estudantes do Ensino Médio Noturno, com idades entre quinze e dezoito anos, na qual atuo como docente.[1] Foram realizadas observações dos jovens supracitados no espaço escolar, aplicação de questionários abertos sobre as práticas de lazer vivenciadas/constituídas pelos/as estudantes e ainda, sobre demais aspectos de sua condição juvenil (atividades realizadas com familiares e amigos, uso das ferramentas tecnológicas no cotidiano e planejamento futuro). A análise dos questionários fomentou a organização de dois grupos de discussão com os participantes e, posteriormente, a análise das narrativas dos mesmos acerca de dimensões de sua condição juvenil.[2] Conforme Tanise Müller Ramos (2009, p.24), que toma por base autores como Larrosa e Arfuch, as narrativas são entendidas "como formas de se conferir sentido e visibilidade às experiências individuais e coletivas, o que está implicado em um processo contínuo de produção de sujeitos, que são posicionados no interior das múltiplas tramas". Desse modo, ao participar das exposições das experiências desses sujeitos, penso fazer parte também do processo de reflexão e desenrolar dos fatos constituídos por eles/as, no instante em que "quem narra, também é narrado", como argumenta Marisa Vorraber Costa (2002, p.94).

Como professor e pesquisador, compreendo o espaço escolar como constituído e atravessado por diversidades múltiplas, por "toda a gama dos lugares diversificados e

[1] Os alunos pesquisados frequentam, em 2016, turmas do segundo ano do Ensino Médio.
[2] É importante destacar que nem todos os alunos que responderam o questionário estiveram presentes nos momentos de organização dos grupos de discussão.

densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras" (GIROUX, 1995, p.90), uma vez que evidencia as trocas culturais em seu interior. Cada aluno/a traz em sua bagagem histórias distintas e diferentes formas de compreender o mundo. A relação que estabelece com seus pares proporciona novas e ilimitadas visões do seu entorno, ampliando seus conhecimentos, conectando-se assim, a outras culturas.

A partir do meu interesse pela temática do lazer, constituído pela prática profissional como professor de Educação Física e pela atuação como gestor público de políticas de Esporte e Lazer, tenho observado que os jovens contemporâneos têm organizado suas práticas de lazer de modo distinto, ao que é, por exemplo, pautado pelas políticas públicas de lazer. Tais políticas compreendem o lazer como estratégia para o bem-estar dos indivíduos, a exemplo das atividades recreativas, esportivas e culturais, dentre as quais, destacam-se as ruas de lazer, as apresentações artísticas, competições esportivas, sejam elas de rendimento ou participação. como acrescenta Marcellino (2008, p.26) sobre o tema:

> [...] falar numa política de lazer significa falar não só de uma política de atividades, as quais, na maioria das vezes, acabam por se constituir em eventos isolados e não em política de animação como processo. [...] o lazer tem sua especificidade, inclusive enquanto política pública, mas não pode ser tratado de forma isolada de outras questões sociais.

A partir do referencial teórico supracitado, entendo que os jovens, são em muitas situações, referidos como sujeitos que se destacam por características específicas, a exemplo da capacidade de realizar, sem maiores constrangimentos, várias atividades ao mesmo tempo. Sobre o tema, pontua Garbin (2009, p.33):

> É uma camada juvenil que tecla ao mesmo tempo em que troca e-mails, navega em sites, posta fotos em outros, assiste televisão [com o controle remoto à mão], ouve música num walkman, num discman, num iPod, num MP3/4/5/6/... player, num celular, num Palm top, ou num aparelho de som convencional e comenta o que assiste e ouve, o que tecla, troca de canais a todo instante em busca de novas imagens, de novos sons, dos mais diferentes lugares e com os mais diferentes personagens, com uma velocidade ímpar [...]

Vale referir que a política pública de lazer é pautada pela Constituição Brasileira de 1988, documento que regulamenta tal dimensão como um direito social de todo cidadão brasileiro, como se verifica no Art. 6º, a saber: "São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta

Constituição".[3] No que tange a realidade brasileira atual, Gomes et. al (2009, p. 69), atribuem ao lazer, com base no senso comum, como:

> [...] descanso, folga, férias, repouso, desocupação, distração, passatempo, hobby, diversão, entretenimento, tempo livre. Além disso, algumas pessoas associam o lazer a determinadas práticas culturais, tomando-o como sinônimo, por exemplo, de esporte, cinema, música etc. Outras vinculam o lazer a ações como dançar, assistir TV e viajar, entre outras.

Com a criação do Ministério do Esporte na estrutura governamental no ano de 2002, através da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), foi implantado, no ano seguinte, o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC). Com o slogan "O lazer vai tomar conta da cidade e a cidade vai tomar conta do lazer**",** o Programa tem por objetivo proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer que envolvem todas as faixas etárias e as pessoas portadoras de deficiência, além de estimular a convivência social, a formação de gestores e lideranças comunitárias, favorecer a pesquisa e a socialização do conhecimento, contribuindo para que o esporte e lazer sejam tratados como políticas e direitos de todos.[4]

Através das narrativas dos estudantes, percebe-se que as políticas públicas organizam práticas de lazer que pouco dialogam com demandas da sociedade contemporânea, a exemplo do escasso tempo livre que muitos dos jovens têm, na atualidade. Tal afirmativa pode ser visível quando os investigados narram não terem tempo para a realização de outras atividades que não sejam laborais e/ou estudantis. De modo especial, os jovens trabalhadores/estudantes apontam como lazer atividades tais como descansar e relaxar, afastando-se ainda mais das dimensões constituídas como lazer apontadas pelas políticas públicas. Exemplo disto pode ser percebido na cidade, onde os alunos desse estudo residem, uma vez que, são organizadas, pela Secretaria de Esportes e Lazer/Turismo do município, atividades esportivas e recreativas tais como competições de variadas modalidades de esportes, ruas de lazer e eventos artísticos/culturais. Contudo, os alunos pesquisados, em sua maioria, não usufruem de tais atividades e afirmam que lazer se define como momentos em que se pode "dançar"; "passear" ou simplesmente, "ficar em casa".

Assim, em consonância com a perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, compreendo como necessário perceber o lazer como um rol de práticas não estanques e que, também podem ser desprovidas de movimento. Além disso, procuro desconstruir o entendimento de lazer unicamente ligado ao foco esportivo, das atividades físicas, das práticas

[3] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 20 abr. 2016.
[4] Disponível em: http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/esporte-e-lazer-da-cidade. Acesso em 27 abr. 2016.

corporais. Desta forma, busco entender tal dimensão como um rol de atividades que podem ser vivenciadas de modo individual, com possibilidades múltiplas, como considera Cláudio Augusto Silva Gutierrez (2009, p.59) ao mencionar que dentre elas "estão os passeios, as excursões, os aprendizados nas artes, as vivências nos esportes [...] tudo o que convoca para viver, que inaugura novas experiências de fruição de beleza e expande a vida".

Frente a tais assertivas, busco entender melhor de que modo esses jovens estudantes trabalhadores estabelecem relações com as práticas de lazer na contemporaneidade. Na seção seguinte, apresento um breve histórico sobre o conceito de lazer. Posteriormente, reitero as perspectivas teóricas e metodológicas deste estudo e as análises realizadas. Encerro este texto destacando que outras dimensões relacionadas às práticas de lazer poderiam ser analisadas no intuito de compreender melhor os modos de ser e de viver de jovens estudantes/ trabalhadores na atualidade. Compreendo que mais do que tratar sobre o lazer dos jovens contemporâneos, a presente pesquisa constitua uma possibilidade para que professores e pesquisadores analisem modos diversificados de ser jovem na contemporaneidade.

Lazer: uma perspectiva histórica

A expressão *lazer* tem sua origem do latim *licere* e sua conotação remete ao "ser permitido, poder, ter o direito". Comumente relacionado a situações de liberdade, atividades culturais, divertimento e/ou descanso, o lazer diz respeito as mais variadas dimensões da ação humana. Ao levar em consideração os estudos produzidos sobre o tema "o lazer designa um amplo e complexo campo da vida social que inclui uma variedade de temáticas, tais como o tempo livre, o ócio e a recreação" (GOMES et. al. 2009, p.68).

As primeiras definições sobre o lazer, de um modo geral, estiveram relacionadas ao ócio, ao tempo de desprendimento das atividades de organização da vida cotidiana. A ideia de um período de contemplação das coisas puras da vida e, por conseguinte, do afastamento das atividades triviais foi constituída na sociedade grega antiga, como apontam Melo e Junior (2012). Os referidos autores destacam que na Grécia Antiga, valorizava-se "a contemplação e o cultivo de valores considerados elevados, como a bondade, a verdade e a beleza" (MELO E JUNIOR, 2012, p.3-4). Pode-se afirmar também que o trabalho, na sociedade grega, era compreendido como uma tarefa dos homens não livres, que formavam a grande massa de escravos.

As dimensões apontadas por Melo e Junior (2012), em certa medida, contrastam com os ideais da sociedade romana, que não considerava o trabalho como negativo ao

desenvolvimento do homem. Assim, o descanso e a diversão eram compreendidos pelos romanos como práticas necessárias para que os homens se mantivessem em melhores condições de trabalho. Desta forma, era permitido que as camadas sociais menos abastadas, àquelas a quem eram impostas as responsabilidades pelo trabalho duro e produtivo, tivessem momentos de recomposição do corpo e da alma, no caso, o ócio, única e exclusivamente, para que o rendimento no trabalho fosse de mais produção, assim que retomado.

Na Idade Média ocorre um rígido controle do tempo pela Igreja Católica do tempo de homens e mulheres não usado para o trabalho, porém o descanso e algumas festividades eram permitidas para a plebe nestes espaços de tempo. Já para a nobreza, o poder e o luxo eram as marcas exibicionistas nos períodos de ócio. Com o advento das primeiras religiões protestantes, o tempo de não trabalho passa a ser "inimigo do trabalho", e mais rigidamente controlado, além de visto como algo pecaminoso, contextualizando o trabalho como enobrecedor ao homem. Tais percepções sustentam os fundamentos do capitalismo, numa lógica puramente mercantil de enaltecimento do trabalho, desmerecimento do não trabalho, controle de ações e ordenação de valores. (MELO E JUNIOR, 2012)

Em um contexto marcado pelas transformações surgidas com a industrialização, as práticas de lazer passaram a ter uma relação com a parte do tempo que começou a "sobrar", em virtude das regulações impostas pela burguesia, estado, igreja, judiciário e do estabelecimento das jornadas de trabalho, fruto de conquista das lutas da camada que vendia a mão-de-obra (trabalhadores) e que exigiam melhores condições de trabalho. Deste modo, o tempo disponível dos trabalhadores passou a configurar-se como algo potencialmente perigoso para o modelo social vigente, passando a ser amplamente controlado com o intuito de garantir a ordem e, por consequência, mais produção e maior lucro. Sendo assim o lazer passou, a partir desse período, a se caracterizar como algo que libera o sujeito do cansaço e das preocupações exigidos pelo trabalho, dentre outras obrigações, proporcionando-lhe descanso, além de apresentar-se como algo prazeroso, divertido e que se contrapõem à rotina do dia-a-dia e também como capaz de suprir as mais diversas necessidades humanas, sejam elas corporais, manuais, sensitivas ou sociais. Como apontam as palavras de Joffre Dumazedier (1976, p.34).

> O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Marco Paulo Stigger (2009, p.82) ao se referir "aos jogos, às danças, aos esportes e a outras práticas sociais esportivas ou não" como "atividades da cultura corporal", faz referência também à "cultura lúdica, em que os passatempos ganham lugar de destaque". O referido autor compreende tais passatempos como "atividades realizadas em espaços/tempos em que os indivíduos estão livres do trabalho e de outras obrigações e, apesar de inúmeros constrangimentos, ocorrem de acordo com suas possibilidades de escolhas". A partir desta premissa, fica clara a relação entre o estabelecimento de determinadas práticas de lazer e as oportunidades/possibilidades de vida de cada indivíduo, seja pelo tempo disponível para a realização de determinadas práticas, em detrimento a outras, seja pelos espaços urbanos disponíveis para sua realização. Logo, vale problematizar: quais as possibilidades para a constituição de práticas de lazer têm os jovens estudantes/trabalhadores do presente estudo?

As regras do jogo: as perspectivas teóricas

Conforme apontado anteriormente, os Estudos Culturais em Educação, em perspectiva pós-estruturalista, constituem um dos campos teóricos deste estudo. São entendidos como uma produção coletiva no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, como um processo que viabiliza a formulação de uma ampla gama de estudos, os quais fomentam a análise de diferentes aspectos da contemporaneidade, assumida em sua ambiguidade, complexidade e contradições. Desde sua origem, os Estudos Culturais configuraram-se como um campo teórico que tensionava tradições elitistas, as quais persistiam "exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massas, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular". (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p.37).

É importante destacar que o conceito de representação, largamente utilizado no campo dos Estudos Culturais, é entendido como um processo cultural que compreende as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos (Woodward, 2000). E que este, segundo Rosa Ficher (2003), é atravessado por processos de regulação social, por formas de poder[5]. Neste estudo, as narrativas dos estudantes pesquisados tensionam uma representação naturalizada de lazer, a qual é constituída próximo as ideias de atividade física, movimento e uso "produtivo" do tempo livre.

Em consonância com o referido campo teórico, a juventude pode ser compreendida como uma categoria plural, como afirmam Carles Feixa (1999), Rosa Fischer (2001),

[5] Neste caso o poder na representação marca, atribui significados e classifica, conforme refere Stuart Hall (1997).

Elisabete Garbin (2009), Juarez Dayrell (2003), entre outros autores. Em que pese, no âmbito das legislações, demarcar a juventude dentro dos padrões etários, em consonância com os autores anteriormente citados a juventude ultrapassa os limites cronológicos. Tais fatos corroboram a ideia de Beatriz Sarlo (2004, p.36) de que "a juventude não é uma idade, e sim uma estética da vida cotidiana". Afastando-se da limitação etária indicada pela Organização das Nações Unidas (ONU),[6] que considera jovens os sujeitos entre os 15 e 24 anos, a perspectiva teórica aqui utilizada destaca que ser jovem é muito mais um estado de espírito, do que propriamente a idade que temos, conforme acrescenta Maria Rita Kehl (2004, p.89-90):

> Quem não se considera jovem hoje em dia? O conceito de juventude é bem elástico: dos 18 aos 40 anos, todos os adultos são jovens. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir. Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia e, para não utilizar a palavra ofensiva – velhice –, preferem o eufemismo "terceira idade".

Assim, tornam-se borradas as fronteiras que limitam um tempo aproximado para se 'entrar e sair' da juventude. Guita Grin Debert (2010, p.51) sustenta que a "juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados". Com base nestas incursões podem-se citar os cuidados com o corpo, a manutenção de uma aparência forte, tonificada, jovial, interpelados por uma indústria de produtos de beleza, alimentação e de academias de ginástica através de fortíssimos apelos midiáticos.

Dayrell (2003, p.41) confere à juventude como "[...] um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil", relacionando o tema à ideia de "moratória social". Torna-se compreensível que esta etapa da vida seja um espaço em que os sujeitos, por não serem adultos ainda, possam vivenciá-la de modo pleno, eximindo-se de certas responsabilidades que se apresentam.

Pode-se afirmar a juventude como o momento no qual as transformações na vida acontecem mais abruptamente: a entrada no Ensino Médio, a apresentação ao mundo do trabalho, o enfrentamento familiar e social, as andanças pela vida noturna, as situações amorosas, as definições por carreiras profissionais, em meio a outros perigos, privações,

[6] Disponível em: http://www.onu.org.br/. Acesso em 24 abr. 2016.

desafios, escolhas e diversões, tudo isso incluído no que se faz fora do tempo dedicado ao estudo, trabalho, dentre outras obrigações, entendido como lazer.

Lazer é descansar! Problematizando narrativas de alunos/trabalhadores

A partir da análise das narrativas dos estudantes e dos dados dos questionários, passei a identificar algumas respostas interessantes para a pergunta: "o que é lazer para você"?[7] Tais respostas apontavam desde "ficar em casa sem fazer nada, sair com os amigos, jogar bola", até "ler um livro" ou "ouvir música" e "fazer o que se gosta". Algumas das narrativas dos estudantes remetiam diretamente às relações entre o tempo livre e o trabalho, muito destacado por eles/as, pois, após suas respectivas jornadas de trabalho, dirigiam-se à escola, para dar continuidade às obrigações a eles/as impostas.

Dentre as narrativas surgiram referências ao "descanso" e à "falta de tempo", fato que indica que o pouco tempo livre que lhes "sobra" acaba destinado ao ato de "descansar, relaxar, dormir, recarregar as baterias". Mesmo que alguns tenham os finais de semana livres, chamou-me a atenção, o depoimento de uma jovem, que disse: "trabalho no restaurante com meu irmão toda a semana e nos finais de semana é quando trabalho mais, porque tenho que ir de dia e de noite também". Ou como o relato de um garoto que dizia ter dois empregos: "trabalho tudo o que der até juntar dinheiro para comprar meu carro e fazer a carteira (de habilitação)". Em suas palavras:

Aluna 1 - "trabalho sábado todo o dia, aí fico por casa mesmo, descanso".
Aluno 2 - "eu trabalho, aí nos fins de semana faço bico de garçom, não tenho tempo pra nada".

Além das atividades escolares no período noturno, tais alunos têm jornada laboral em quase todos os dias da semana, uma vez que atuam em mais de um emprego. Muitos desses jovens não necessitariam, de acordo com suas narrativas, trabalhar de modo tão intenso para a manutenção de uma renda para si e para sua própria família. No entanto, os referidos alunos desejam conquistar sua independência, ter condições próprias de consumir o que lhes convém, mesmo que para isso o pouco tempo livre que lhes reste, seja (necessário) para o descanso. Logo, resta-lhes pouquíssimo tempo livre para o exercício de outras práticas que não sejam o trabalho e o estudo. No entanto, como se pode verificar nas falas dos estudantes, as práticas por eles constituídas relacionam-se, de modo mais direto, à fruição e contemplação do tempo

[7]As narrativas destacadas são de autoria de alunos/as participantes deste estudo e foram protagonizadas no mês de março de 2016.

livre e, por conseguinte, distanciam-se das atividades físicas, das práticas desportivas e/ou dos jogos coletivos. Em suas palavras:

Aluno 3 - "Eu gosto de ficar em casa assistindo filme, acho que Garibaldi precisa de um shopping".
Aluna 4 - "Eu gosto é de dormir, não gosto de esporte".
Aluno 5 - "Ah, eu gosto de assistir filme em Caxias (do Sul, no shopping), vou de vez em quando".

As práticas familiares também são citadas pelos alunos pesquisados e evidenciam o apreço que esses têm pela família, o que contrasta, inclusive, com a representação que temos da juventude contestadora, desafiadora, de constante conflito com suas famílias. Mostra que o pouco tempo disponível também é dividido com a família, valorizando-se tal situação, principalmente com atividades e/ou ações realizadas no próprio espaço residencial, no entorno da comunidade, passeios e festas, destacando-se o caráter afetivo, tal como pondera Dayrell (2002, p.124), ao dizer que a "família ainda é uma das poucas instituições do mundo adulto com a qual esses jovens podem contar".

Aluno 6 - "Eu toco bateria na igreja e gosto de ficar com a família".
Aluna 7 - "Eu gosto de ficar em casa, tomar chimarrão, churrasco com a família".

É possível compreender também que o uso das tecnologias/redes sociais constitua outra dimensão inerente à juventude contemporânea, que já se familiariza com o celular desde muito cedo, como argumenta Paula Sibilia (2012, p.51) ao dizer que "por motivos óbvios, os jovens abraçam essas novidades e se envolvem com elas de maneira mais visceral e naturalizada". Tal situação pode ser considerada como válvula de escape para um descanso aparentemente ativo/atrativo, no instante em que se torna de fácil alcance dos/as jovens na atualidade, balizado, inclusive pelo pouco tempo livre e pela opção/necessidade de ficar em casa.

Aluno 8 - "Ah, o celular é importante, a gente vicia, mas tem a coisa boa e ruim, tem que saber usar".
Aluno 9 - "Gosto de ficar sozinho, jogado no sofá, daí o celular é minha companhia, bate-papo".

O 'fazer o que se gosta' remete ao sentimento de que seja realizar tudo o que lhes causa prazer, satisfação. Tais circunstâncias são narradas pelos alunos como práticas de lazer, fazendo valer o entendimento de que o que é considerado lazer para um, não necessariamente pode ser para o outro, ampliando e ramificando infinitamente tais possibilidades, na linha do que sustenta Marcellino (1996) quando estabelece a associação de que o "lazer com as experiências pessoais representa um entendimento limitado sobre a questão [...] não é a

atividade em si que caracteriza o lazer. Afinal, a mesma atividade pode significar lazer para uma pessoa e, para outra, não". (GOMES et. al. 2009, p.69).

Vale destacar que algumas narrativas dos estudantes fizeram referência à falta da disciplina de Educação Física para o Ensino Médio Noturno[8]. Era visível o desejo de que a mesma fosse oferecida, nem tanto pela atividade esportiva/recreativa em si, mas relatado como algo necessário – e de direito – para contrapor a tensa rotina diária do trabalho e a escola, como possibilidade do 'algo diferente, prazeroso'. Quando a disciplina passou a ser oferecida às turmas pesquisadas, os alunos afirmaram que este também poderia ser um espaço para a prática de atividades prazerosas, como vê-se:

Aluno 10 - "Não tenho tempo, ainda bem que agora tem Educação Física, antes não tinha, aí posso jogar bola".
Aluno 11 – "Trabalho sábado, domingo e feriado (em supermercado), não tenho tempo para nada, só na escola mesmo, brincar um pouco".

Torna-se de maior clareza, portanto, que para além do ato de descansar, motivado pelo cansaço, efetivamente, em alguns casos, há o entendimento de que as práticas de lazer sejam realmente desprovidas de atividades consideradas mais ativas. Ou seja, as práticas ligadas à família, aos passeios, ao ficar em casa, ao navegar na internet (entende-se aqui telefone celular, computador, redes sociais), são possibilidades amplamente apresentadas como "*fazer o que se gosta"*, contrapondo-se inclusive sobre o próprio entendimento de lazer que temos enraizado no imaginário popular, oferecido pelas políticas públicas e propagado pela mídia, por exemplo.

Tal situação apresentada inicialmente por conta do cansaço físico e/ou intelectual, também acaba direcionada à questão financeira. Muitos alunos, inúmeras vezes, indicavam que o fato de "não ter dinheiro" afetava as possibilidades de "sair", de se buscar outros espaços, o que colabora com grande ênfase para relacionar as práticas de lazer com o descanso ou ficar em casa com a família.

O fato dos/as jovens pesquisados/as apontarem para o descanso como uma prática de lazer, indica que o pouco tempo livre lhes seja necessário para uma "parada" e/ou uma "quebra no ritmo" do dia-a-dia, desnaturalizando, portanto, as representações que temos do lazer, constituídas por políticas públicas, por espaços/equipamentos destinados para este fim.

Outro ponto a ser observado é a ideia da "moratória social", trazida por Dayrell (2003), que aponta para a questão do não aproveitamento desta situação para as vivências

[8] A disciplina de Educação Física era oferecida até o ano de 2015, somente no contra turno escolar, o que acabava por não contemplar o turno da noite com nenhuma atividade considerada como "fora da sala de aula" ou "mais divertida", como eles próprios se referiam. A partir deste ano passou a ser oferecido um período semanal no turno regular, inclusive para o diurno, que também só frequentava a disciplina no contra turno.

variadas que as práticas de lazer podem oferecer. Tal juízo decorre da sujeição ao trabalho e da responsabilidade, na maioria dos casos, que os/as jovens têm por suas conveniências, bem como seu próprio sustento e de suas famílias também. Por conta disso e, diferentemente do público juvenil de estudantes do turno diurno, esses estudantes do noturno acabam sendo lançados mais rapidamente para o "mundo adulto", pois veem encurtadas as possibilidades de vivenciarem sua juventude, não disfrutando assim, da moratória que afirma o autor.

Considerações finais

> Que lugar ocupa o lazer nas sociedades contemporâneas? Será uma válvula de escape para os indivíduos sujeitos à lógica produtiva ou trará a possibilidade genuína de liberação, subjetivação e satisfação individual? (FIGUEIREDO e SARÉ, 2014, p.152).

As palavras de Figueiredo e Saré (2014) são proveitosas para pensar como diferentes discursos, a exemplo daqueles visibilizados neste texto, acabam por constituir o entendimento de lazer das juventudes contemporâneas. Compreender a pluralidade juvenil, seus modos de vida e a facilidade que esta tem em mover-se pelos mais variados espaços, faz com que as práticas de lazer se tornem extremamente amplas, diversificadas e movediças. Se praticar alguma atividade física, dançar ou sair com os amigos podem ser consideradas práticas 'normais' de lazer, hoje – apesar das manifestações consumistas do veloz e descartável – as novas juventudes ainda transitam por variadas e modificadas formas de lazer, distantes do que o contexto atual nos infere.

O entendimento de que a juventude atual, nascida e criada (experimentada e fruída) no contexto de uma sociedade sem freios, veloz, efêmera e consumista tem suas práticas de lazer constituídas na ótica do uso fugaz do tempo, não se fundamenta para este grupo de estudantes de classe trabalhadora. Para esses, as limitações financeiras e a falta de tempo fazem com que as opções "caseiras", os passeios próximos, as ações realizadas entre familiares e amigos e ainda, o trânsito pelas redes sociais, se tornem práticas rotineiras de lazer. Arrisco-me, inclusive, a apontar que a questão financeira seja um fato de maior recorrência, embora não seja afirmada em algumas das narrativas dos estudantes para a limitação das práticas de lazer entre os jovens ou ainda, para o direcionamento da associação entre lazer e descanso.

Assim, a conotação dada ao lazer, assume diferentes contornos, tendo em vista sua presença ao longo das civilizações, nas suas diferentes formas e manifestações, associando-o largamente ao uso do tempo e ao descanso, perpassado pela condição do trabalho, questões

amplamente abordadas nos dias atuais. De tal modo, é comum que, por vezes, determinados enfoques sobrepõem-se a outros, ora se contrapõem, ora se fundem, tangenciando a movediça fronteira de tempos, espaços, culturas e o que entendemos sobre o que vem a ser o próprio significado do lazer, constituído pelas novas juventudes.

Destarte, ao compreender que o tempo em que não estão na escola sendo direcionado por um nexo puramente produtivo, em que pese o uso desse período como, primeiramente, destinado ao trabalho. O pouco tempo que resta a esses jovens, e que não é utilizado nas atividades escolares, é direcionado ao descanso e este, acaba descrito pelos jovens como uma prática de lazer. Entende-se, portanto, que as práticas de lazer usuais, acabam substituídas por atividades de repouso e/ou por aquelas que demandam um mínimo de esforço possível, haja vista, a necessidade de recompor-se física e mentalmente. Ancora-se tal condição também pela possibilidade de se estar em vários espaços a partir de sua própria casa, fazendo uso do pouco tempo que realmente é livre, imprimindo, quem sabe, novas configurações à juventude trabalhadora do Ensino Médio noturno e suas novas/diferentes formas de usar o tempo.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

COSTA, Marisa Vorraber. Pesquisa-ação, perspectiva participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.49-70, jul./dez. 2010.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, banda y tribus**: antropologáa de la juventud. Barcelona: Ariel, 1999.

FIGUEIREDO, Silvio Lima; SARÉ, Larissa Latif Plácido. Usos e práticas do lazer e dos tempos livres: do consumo à procura da felicidade. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 148-164, set./dez. 2014.

FISCHER, Rosa Bueno. **Televisão e Educação**: fruir e pensar a TV. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001.

GARBIN, Elisabete Maria. Conectados por um fio: Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. **Juventude e escolarização**: os sentidos do Ensino Médio, 2009.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.

GOMES, Christianne et al. **Lazer na América Latina /** Tiempo libre, ócio y recreación em Latinoamérica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GUTIERREZ, Claudio Augusto Silva. Concebendo a vida saudável desde o esporte & lazer. In: WOLF, Suzana Hübner (Org.). **Vivendo e Envelhecendo**: Recortes de práticas sociais nos Núcleos de Vida Saudável. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2009.

HALL, Stuart. The spectacle of the 'other'. In: HALL, Stuart. Representation. **Cultural Representations and Signifying Practises**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage/Open University, 1997. (Capítulo IV).

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação.** 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Políticas Públicas de Lazer.** Campinas: Alínea, 2008.

MELO, Victor Andrade de; JUNIOR, Edmundo de Drummond Alves. **Introdução ao lazer.** 2ª ed. Barueri: Editora Manole, 2012.

RAMOS, Tanise Müller. **Tecendo tramas, trançando gentes:** narrativas constituindo identidades em uma escola municipal de Porto Alegre/RS no ensino da história e cultura africana e afro-brasileira**.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, artes e videocultura na Argentina. 3ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão**.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

WOORDWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p.7-72.